ANO 6.º LISBOA — SEGUNDA-FEIRA, 14 DE FEVEREIRO DE 1927 N.º 1793

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 30 CENTAVOS
Administrador e editor
MANZONI DE SEQUEIRA
ADMINISTRAÇÃO { Rua da Rosa, 57, 2.º Telefone: 1:470 C.
Endereço Telegrafico: DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO
SECRETARIO DA REDACÇAO
ALVARO DE ANDRADE

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, composição e impressão
RUA LUZ SORIANO, 48
TELEFONES { Direcção: T. 195 Redacção: T. 319
Endereço telegrafico: DIBOA

ESTE NUMERO FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

CALMA!

A serenidade começa a voltar aos espiritos e o bom senso reclama os seus direitos.

Afastemos para longe as preocupações sombrias e confiemos na Patria que, nesta hora amarga, é o refugio sagrado até dos transviados.

O govêrno tem que adoptar as medidas necessarias para exterminar o espirito revolucionario, obrigando os odios a perpetua clausura.

Ontem, no enterro do saudoso Americo Olavo, juntaram-se portugueses de todas as classes e credos politicos, inclinando-se, perante os seus despojos mortais, num gesto de renuncia ás paixões que nos dividem.

Quando a lei deixa de imperar, as feras saem dos seus fojos.

Quantas vezes as não vimos nós já despedaçar o inocente, na furia cega de destruirem as barreiras que delimitam o campo da justiça e o da ferocidade!

E' tempo e mais que tempo de nos sentirmos irmãos, trabalhando para o mesmo celeiro e reunindo-nos no mesmo lar.

A dolorosa experiencia das revoluções não nos permite outro recurso senão este—reparar as ruinas e reanimar os corações.

Politica sô uma — a da nacionalidade.

Republica só uma — a do povo, sofredor e humilde.

Liberdade só uma — a de todos a favor de um e a de um a favor de todos.

Os intolerantes, os que não podem amar uma ideia, sem pensarem num damno, deram provas bastantes de que Portugal repugna á sua indole

Eles aspiram principalmente a isto — vencer para oprimir e oprimir para mandar.

E' forçoso, pois, que nos libertemos dos jugos e cadeias anti-nacionais, aliás condenamo-nos ao pior dos suplicios — morrer sem grandeza, pelejar sem fé.

Os nossos avós muitas vezes jogaram a vida para salvar a terra e a alma.

O seu exemplo ainda hoje inspira admiração.

Atravez dos tempos, o destino apresenta ás gerações que se sucedem os eternos problemas.

A maneira de os resolver não varia: ou defender a Patria para unir os elos da sua existencia, no mesmo sopro de verdade, ou queimar os homens, feitos inimigos, na fogueira dos erros e mentiras.

Tudo isto nós sabemos, porque, na Europa, ninguem mais do que nós tentou escapar-se ao dominio das severas lições da Historia.

Em luta uns contra os outros—punhal contra punhal, ambição contra ambição—não encontramos remedio que não seja curar um mal com outro mal maior.

A politica manejada por anões, que pode produzir?

Olhemos em redor de nós e veremos os seus frutos: seis milhões de almas desirmanadas, disputando no mesmo carcere, a superficie dum imperio.

Portugueses: tenhamos a coragem de nos encararmos, sem pejo e sem medo, e, num relampago de total sinceridade, perdoemo-nos mutuamente o que nós roubámos, iludidos por quimeras sangrentas!

O NOSSO camarada de imprensa sr. Amadeu de Freitas (filho) está detido em Beja. O "Diario de Noticias" enviara-o para o sul, em serviço de reportagem, e o moço jornalista, que pouco mais tem de 20 anos, partira contente, escravo do seu dever. Como não aparecesse, a familia alarmou-se, vindo a saber-se da sua detenção naquela cidade alentejana. A sua esposa, com um filhinho de peito, encontra-se num estado de aflição indescritivel. A mãe, num compreensivel desespero, seguiu ontem para Beja. Evidentemente, trata-se dum equivoco, pois o moço jornalista só da sua ingrata e rude profissão cuidava, absolutamente alheio á politica e ás suas lutas, o que, de resto, era incomportavel com a sua idade. O resto não o interessava. Cumprimos um dever de simpatia e de justa solidariedade pedindo ao sr. ministro da Guerra que ordene a sua restituição á liberdade, tão certos estamos de que só um lamentavel equivoco motivou a sua detenção em Beja.

* * *

OS bancos de Londres são depositarios de cinco milhões de libras esterlinas pertencentes ao governo russo.

Este, receoso de que os ultra-conservadores ingleses se apoderem do poder e rompam as relações diplomaticas com a Russia, pensa em transferir tamanha soma para outro pais.

Mas para onde?

Como os Estados Unidos lhes não são simpaticos, o governo russo hesita entre a Holanda e a Alemanha. E' de prevêr que os cinco milhões de libras esterlinas vão para Berlim—cidade que, no seu entender, advoga a causa de Moscow, sempre que a capital das Russias tem dinheiro para se fazer pagar.

* * *

PELO ministro da Justiça deve ser hoje apresentado em conselho, um decreto referente aos prejuizos causados na cidade, e fóra dela, pelo movimento revolucionario.

Por este diploma, os responsaveis da revolução indemnizarão todos os queixosos dos prejuizos que estes tenham sofrido nos seus haveres e propriedades.

* * *

PELO sr. ministro do Comercio foi submetido á aprovação do governo um decreto que se refere á entrega a oficiais do Exercito, da administração dos Caminhos de Ferro do Estado, até que a exploração dos mesmos serviços seja dada á C. P.

* * *

PALAVRAS com que o sr. Ayres de Ornelas terminou o seu notavel artigo de ontem, no *Correio da Manhã:*

"E para isso, Portugueses, politica para o lado e a Patria ao alto!„

Nesta formula simples e clara se resume hoje o pensamento do país.

* * *

A CASA da sr.ª D. Leonilde Ferreira Pinto, na rua do Mundo, 91, 2.º, dt.º, foi das que mais sofreram com o tiroteio, ficando inutilisados os moveis e as roupas.

O DISTINTO actor Samwell Diniz, presidente da Direcção do Gremio dos Artistas Teatrais, entregou hoje ao sr. Ministro das Finanças um oficio que termina pelo seguinte apelo, cuja satisfação seria muito bem recebida por toda a gente:

"*Senhor Ministro:*—É em nome dos Artistas Teatrais, como Presidente da Direcção do seu Grémio, que tem como único pensamento dignificar a nossa Arte e engradecer a nossa Pátria,—que venho junto do Estado, na pessoa ilustre de V. Ex.ª, nesta hora tremenda em que a privação—a misèria até—bateu já á porta de tantos lares, solicitar o pagamento, a titulo de idenização, dos vencimentos dos artistas das companhias teatrais portuguesas que se encontravam em exploração nos teatros de Lisboa e Porto á data da suspensão dos seus espectáculos por ocasião dos recentes movimentos, e durante o tempo do encerramento das casas de espéctáculos, por ordem das Autoridades Militares.

O Grémio dos Artistas Teatrais espera confiante em que o Govêrno, pela pasta da ilustre gerência de V. Ex.ª, dispensará aos artistas teatrais a protecção que entende tambem merecer por direito de justiça.„

* * *

O *DIARIO DE NOTICIAS* de ontem reedita a carta que o nosso director lhe enviou, bem como a todos os outros jornais lisboêtas, quando, após o 18 de Abril, uma prepotencia estupida suspendeu o *Diario de Lisboa.*

Temos o maior prazer em declarar que nunca esquecemos o apoio que o nosso presado colega nos prestou.

Muito menos, na hora que passa.

Conhecedor da sua lealdade, o *Diario de Lisboa* está a seu lado, fazendo votos ardentissimos para que, o mais breve possivel, se apure a seu respeito a verdade salvadora.

* * *

O SR. ministro da Justiça enviou para o *Diario do Governo* o seguinte decreto:

"Artigo 1.º—Todos os prazos judiciais que devessem terminar, no continente da Republica, entre 2 e 12 do corrente mês, são prorrogados até ao dia 21 do mesmo mês.

Art. 2.º—Igual prorrogação é concedida para as operações de Bolsa, protesto de letras, posses de empregos publicos, depositos de rendas, de acções para os efeitos de assembleias gerais, ou actos a estes inerentes, cujos prazos tiverem terminado no periodo acima referido o no continente da Republica."

* * *

A SR.ª D. Maria Ernestina Santos Soares de Albergaria Olavo de Azevedo, viuva do malogrado major Americo Olavo, manda amanhã, ás 11 horas, rezar, na igreja da Estrela, uma missa do 7.º dia, sufragando a alma de seu saudoso marido.

* * *

O *DIARIO DE LISBOA* fez-se representar ontem, no funeral do major Americo Olavo, pelo seu director, sr. dr. Joaquim Manso, e pelo nosso camarada Norberto de Araujo.

Florilegio

Bem-pensar

A verdadeira recompensa de se amar é amar-se ainda mais.—*Vinet.*

As almas grandes são sempre lealmente submissas, respeitadoras dos que estão acima delas; só as almas pequeninas e baixas procedem de maneira diferente.—*Carlyle.*

Não se chega a nada de grande sem muitissimo custo.—*Cicero.*

Emquanto o coração conserva as lembranças, o espirito guarda as ilusões.—*Chateaubriand.*

Aquele que tem um grande senso sabe muitissimo.—*Vauvernargues.*

O mau exemplo é um envenenamento espiritual.—*Amiel.*

Amemo-nos uns aos outros e os nossos espiritos saberão congraçarem-se. *Gratry.*

Quando se estiver dominado por um fundo de bôa intenção, cedo ou tarde ele na vida aparecerá.—*Bossuet.*

O perfeito valor é fazer-se sem testemunhas o que se seria capaz de fazer-se diante de toda a gente.—*La Rochefoucauld.*

O homem que despresa o dinheiro respira á vontade.—*Ferdonsi (Schah Numeh).*

Homem de ventre avido, contenta-te com um pão: não terás que dobrar a cerviz sob a servilidade.—*Saadi (Gulistan).*

José Parreira.

Coliseu dos Recreios

A estreia, esta noite, da celebre artista Woolford com os seus cincoenta pombos

Com um programa interessantissimo e com a estreia da celebre artista Woolford, que executa com os seus 50 pombos os mais extraordinarios e surpreendentes exercicios, reabre hoje á noite as suas portas ao publico o popular Coliseu dos Recreios, a casa de especiaculos preferida pela população citadina, pela variedade dos seus programas, pelo seu preço modico e, principalmente, pela alegria, comodidade e bem estar que ali se gosam.

No espectaculo de hoje entram todas as celebridades e atrações da grande companhia de circo, no numero das quaes estão incluidos os celebres voadores Meteors, a notavel atleta Miss Wermke, a mulher mais forte do mundo, o «Urso equestre», a Dama Branca com o seu vistoso e elegantissimo trabalho, os poneys musicaes, não faltando, é claro, entre outros artistas, os engraçadissimos clowns Tony e Grice e Camotti e Felip, os autenticos reis da gargalhada, que para esta noite têm trabalhos engraçadissimos.

Dr. José Gomes

(Diplomado pela Universidade de Paris com o Curso de aperfeiçoamento de doenças dos olhos)

Consultas das 2 ás 4

R. GARRETT, 74, 1.º—Telef. C. 4186

THE GREY'S

Cigarrettes

Virginia e Turco, são:

O maximo da elegancia

O maximo da qualidade

Importadores

Comercio de Tabacos, Limitada

R. do Largo do Corpo Santo, 26—LISBOA

CRONICA

As arvores

e a sua função

na vida do homem

Disse o filosofo Schopenhauer que sem cães não gostaria de viver.

Pela simpatia que os cães despertam, acham-se muitos homens, com relação a este pensamento, perfeitamente de acôrdo.

Pelas suas qualidades de afécto, de fidelidade e de gratidão, este animal merece, na verdade, a estima e a dedicação do homem. Mas se o filosofo no seu frio pessimismo, não tivesse em mira beliscar o genero humano, pondo-o em confronto com a raça canina, ele poderia no seu juizo ir ainda para além do reino animal e afoitamente afiançar que sem cães nem arvores não seria agradavel a vida.

As arvores!... Quanto beneficio, quanta beleza e quanto generoso auxilio o homem não encontra tambem nas arvores!...

Elas nos favorecem sempre, cariciosamente, desde o momento em que nascemos até áquele em que a morte nos leva: delas é feito o nosso berço e delas é feito o nosso caixão.

Acolhem o homem para os primeiros sonhos, em seguida ao primeiro vagido, e vão ainda envolvê-lo, numa terna protecção, depois do ultimo gemido.

E porque o seu destino se resume a uma elevada missão na Natureza, elas a cada momento vélam pelo homem; alentam-no, defendem-no, protegem-no e dedicadamente o vão amparando desde os primeiros passos que ele dá na vida até ao eterno sôno que ele tem de conservar na morte.

Com os largos braços resignadamente estendidos para o ceu, ora nús, ora revestidos de abundante folhagem, estão numa oração constante, divina, cheia de misterio, tanto a seu favor, como por nós.

Compartilham ora da nossa dôr, ora da nossa alegria.

Porque elas tambem nascem, tambem sofrem, tambem gosam e tambem morrem.

Entristece-as, como a nós, o gelo, e alegra-as, como a nós, o sol.

Na sua dedicação pelo homem, para o homem existem e por ele morrem e se deixam sacrificar.

Para que o homem viva, pacientemente se entregam á imolação, para que delas partam irradiações de calor e se desfaçam em luz.

E na maior pujança da sua existencia, quando a seiva é abundante e a folhagem vasta, elas lá estão ainda, de braços abertos, fortes, generosas, como que conscientes, para acolherem o homem e para desinteressadamente o defenderem, tanto da inclemencia do sol, como da impertinencia da chuva.

Na sua protecção contínua e ainda para que o homem viva, dão-lhe frutos, dão-lhe folhas, dão-lhe flôres.

Muitas vezes se deixam ferir para lhe dar tambem o sangue.

E assim o homem se alimenta, se embeleza e cura.

Como que ha nelas uma missão de amôr, sabiamente transmitida pela harmonia da Natureza, toda cariciosa e terna e a favor do homem.

Prevê-se nelas uma misteriosa atracção por tudo quanto vive, por tudo quanto pensa e ama.

Afrontando a tempestade, parecem gemer de dôr por todos aqueles que padecem e por todos aqueles que choram.

No seu constante posto, firmes, submissas, resignadas, nunca deixaram de acolher viandantes, de abrigar pastores e de proteger reis ou mendigos.

Sempre dedicadas, sempre protectoras e sempre prontas para o sacrificio, dão calor depois de mortas, dão sombra enquanto vivas, dão beleza, dão conforto, dão abrigo.

E se no seu gemer dorido, enquanto agitam os braços, vai um alvoroçado protesto contra a inclemencia do tempo; durante os dias calmos, de sol ameno, na sua quietação serena, parecem agradecer reconhecidas a paz, a harmonia e a dôce tranquilidade do mundo. Harmonizam-se com a suavidade, com a perfeição, com a beleza.

E por isso elas se enfeitam e se enchem de gala quando a primavera chega.

Num agradecimento ao sol, vivem então floridas, risonhas, e talvez que vagamente a sonhar durante a sua dôce serenidade.

Com os enfeites com que se adornam, quer de flôres, quer de folhagem, fazem parte da primavera, integram-se nela.

Porque, sem elas, a primavera ser-nos-ia indiferente, os campos duma desolação de morte, os rios sem encanto e as aves sem abrigo.

Sem elas não brilharia como perolas o orvalho, talvez que as aves não entoassem canções de amôr e o luar iria caír sem beleza na terra, numa difusão silenciosa e triste.

Onde ha uma arvore, ha vida, ha satisfação, ha bem estar, ha companhia.

Num desejo incessante de em tudo ser agradavel, depois de dar alimento, sombra, abrigo, saude, movel, casa, navio, e, por fim a ultima morada, dá ainda ao homem toda a sensação de prazer e enleva-o pela maneira airosa e agradavel como orla os caminhos, como afága os ribeiros, como se dedica aos vales e como veste os montes.

Foi criada para o corpo e foi criada para a alma.

Paisagem sem arvores é paisagem morta.

São elas que graciosamente se debruçam nos rios para, cariciosamente, os beijar; são elas que, delicadamente, cobrem a fria nudez da terra; são elas que deliciosamente, se miram na agua tranquila dos lagos; são elas que, providentemente, atenuam a melancolica aridez das serras, e são elas enfim, que, ao longo das compridas estradas, transmitem ao caminheiro o alento duma consoladora esperança: — «Não desanimes, continua, eu cá estou...»

As casitas brancas que matizam os campos, perderiam a graça e passariam despercebidas, se não tivessem junto a si uma amendoeira em flôr, uma laranjeira com frutos ou uma nogueira frondosa.

O palacio acastelado sem bosque que o circunde ou sem que tenha, pelo menos, uma modesta arvore a fazer-lhe companhia, póde comparar-se a uma rica joia perdida na vasta aridez do monte. Vê-se com pouca atracção do nosso gosto, porque lhe falta qualquer coisa que complete o quadro, que matize, que sombreie, que profaça a beleza e que caia, enfim, com suavidade em toda a aspiração do nosso espirito.

Mas se um humilde casebre, branco de neve, se esconde com modestia por entre arvores de tenra folhagem onde os passaros chilreiem, e onde a sombra parece enlear-se e adormecer, alguma coisa de dôce, de discreto e subtil, sensibiliza os nossos sentidos e vai reverberar na nossa alma.

Póde uma cidade, para ser notada, ter elegantes e rendilhados edificios, praças largas, longas avenidas e sumptuosos monumentos.

Será uma cidade bôa ou uma cidade grande.

Porém, só com arvores de benéfica sombra e a destacar, por entre os conjuntos de arte, toda a tonalidade agreste da sua espessa folhagem, nós poderemos então dizer: — é uma cidade linda.

Arvores!... Como foi sábia e previdente a Natureza, criando-vos!...

Que o homem obedecendo ás leis da consciencia, vos bemdiga e vos estime pelo papel tão importante e util que desinteressadamente tendes desempenhado a favor do seu progresso, do seu bem-estar e da sua civilização.

Sem vós, os povos dificilmente comunicariam, e a Terra, com a sua aridez esmagadora, rolaria como a Lua, triste, melancolica, desalentada, durante o infinito desenrolar do Tempo, pela imensidade do Espaço.

PAIS MAMEDE

DR. JOSE DE PADUA

Coração e pulmões—Raios X

Clinica medica—Electroterapia

P. dos Restauradores, 65, 2.º, E.

CONSULTAS DAS 2 1|2 A'S 6

Comercio e Industria

Seguros em todos os ramos

R. ARCO BANDEIRA, 22

Mundanismo

Diplomatas

Sendo celebrante Mgr. Nicotra, Nuncio de Sua Santidade, realisa-se na proxima quinta-feira, em capela armada, em uma das salas do palacio da embaixada do Brasil, á rua Antonio Maria Cardoso, o casamento da sr.ª D. Maria Clara de Figueiredo Cardoso de Oliveira, gentilissima filha da sr.ª D. Carlota de Figueiredo Cardoso de Oliveira e do sr. dr. Cardoso de Oliveira, ilustre embaixador do Brasil em Portugal, com o sr. Oscar Pires do Rio, adido ao consulado do Brasil em Lisboa.

A missa será rezada pelo Vigario Geral do Patriarcado.

Chá dançante

No Monte Estoril

Como previamos a tarde de ontem no Grande Hotel de Italia do Monte Estoril, onde se realizou mais um «chá dançante» iniciativa de um grupo de senhoras de Cascais, excedeu toda a nossa espectativa, oferecendo as vastas salas de hotel um aspecto verdadeiramente encantadora.

Durante a tarde, alem de animada conversação dançou-se quasi sem interrupção até perto das sete horas.

Na assistencia recorda-nos ter visto:

Madame Koren, madame Delhomme, marquesa de Castelo Melhor e filha, condessa de Castelo Mendo, D. Berta de Ortigão Ramos, D. Maria da Conceição Pinto de Morais Sarmento Cohen, D. Alexandrina Moreira, D. Teresa da Camara de Carvalho Daun e Lorena (Pombal) e filhas, D. Conceição do Casal Ribeiro Ulrich e filha, D. Maria José de Ortigão Burnay de Gusmão, D. Alexandrina Moreira de Magalhães, D. Annete Amzalack, D. Adelaide Ramos da Cunha Reis, D. Isabel Perestrelo de Orey Correia de Sampaio (Castelo Novo) e filha, D. Sará Leão da Fonseca, D. Teresa de Melo e Castro de Verda (Mairos), D. Amelia da Fonseca Pery de Linde, D. Lucilia Pereira Cantarino e filha, D. Gabriela Ramires dos Reis, madame Sampaio, D. Maria Cohen do Espirito Santo Silva, D. Suzana Sagastume La Cuesta, madame Daun, D. Hersilia Cordeiro Sequeira Pacheco, D. Maria de Mascarenhas Calheiros de Noronha Azevedo e filha, D. Maria José Tinoco Madeira, D. Maria de Sequeira Pacheco de Niza, D. Albina Figueirinhas, madame Alexander, D. Amelia Rocha e Melo, madame Jarrat e filhas, D. Maria de La Grandiére de Noronha, madame Renato Araujo.

D. Eugenia Ribeiro da Silva, madame Almeida, e Silva, D. Maria Teresa Pressler Pinheiro Chagas e filhas, madame Greves, D. Lea Cohen Zagury e filha, madame Geniz, D. Maria Tereza Borges de Sousa de Sandoval Teles, madame Godinho, D. Roxanne Correia da Costa de Melo Breyner (Mafra), madame Pery-Pryse, D. Maria Isabel de Castro Pereira de Arriaga e Cunha (Carnide), madame Silva Pinto e filha, D. Isabel de Ortigão Burnay Belo, D. Paulina Ribeiro, D. Maria Isabel da Camara de Saldanha de Oliveira e Sousa (Rio Maior), D. Maria Pinheiro Ferreira Pinto Basto, D. Annete Amzalack, D. Eunice Correia da Costa, etc.

Em Coimbra

Revestiu extraordinario brilhantismo o chá dançante de domingo, 6 do corrente, no Astoria, vendo-se em redor das pequenas mesas, espalhadas artisticamente pela sala de jantar, as sr.as:

Viscondessa de Ervedal da Beira, D. Maria Luisa Albuquerque da Costa e filha, D. Josefa Lobo Portugal Sanches de Morais e filha, D. Elisa de Albuquerque de Matos Amaral e filha, D. Maria da Conceição Albuquerque Rosado Marques, D. Lucilia Ferreira Pinto Bastos e filha, D. Maria de Gusmão Gaivão e filha, madame Araujo e filha, D. Alice de Menezes e Castro e filha, madame Trigueiros (Idanha-a-Nova) e filha, D. Ofelia de Figueiredo de Abreu Franco (Restelo), D. Ana Lobo Sanches de Morais, madame Rebocho de Albuquerque, D. Maria de Lemos de Serra e Moura, D. Albina de Sousa Monteiro, D. Virginia da Silva Pimenta, etc.

Assistiram tambem as artistas da companhia Armando de Vasconcelos, D. Auzenda de Oliveira, D. Celia Mendes e D. Louzalira Neves.

Nascimentos

Teve o seu bom sucesso a sr.ª D. Maria Joana Conde Bordalo Pinheiro, esposa do nosso querido amigo sr. Fernando Bordalo Pinheiro.

Mãe e filha estão felizmente bem.

Em viagem

Acompanhado de sua esposa a sr.ª D. Maria Raquel de Queiroz Medeiros, de suas gentis filhas Maria Antonia e Maria Raquel e de sua sogra a sr.ª D. Antonia da Guerra Queiroz, encontra-se na sua casa de Lisboa, vindo de Buarcos, perto da Figueira da Foz, o sr. dr. Eduardo de Medeiros.

—Vindo da sua casa da Foz do Douro está em Lisboa, o sr. Diogo San-Romão.

—Está no Grande Hotel de Italia, do Monte Estoril, onde se encontram sua esposa e filho, o sr. Cunha Reis.

Doentes

Encontra-se retida no leito, com um ligeiro ataque de «grippe», a sr.ª D. Amelia Serra e Moura.

Silva Nogueira

Retratos artisticos nos generos: **Carvão, Agua-Forte, Pointes Séches, aguarela e Oleo.**

Photographia Brasil

Rua da Escola Politecnica, 141

PENSÃO TIVOLI

Bons quartos mobilados. Casas de banho. Reduções a casaes. Preços desde 22$00.

Avenida da Liberdade, 180

Telefone 987 N.

GRANDE ESPECIALIDADE

No Café de LA GARE, frente á estação do Rocio

Serve-se á chavena o explendido

CHOCOLATE DE BAYONNE

AS NOSSAS POETISAS

Fernanda de Castro

vae publicar em breve
um novo livro de versos
intitulado «Jardim»

FERNANDA DE CASTRO

Fernanda de Castro adora a vida, sem ser pagã. Para ela a natureza é uma estrofe religiosa de côr, onde a beleza natural das coisas se levanta em milagres de transfiguração plena e contente. Os seus versos sabem a beijos e a bagos de romã. Ficam nos labios cantando e refrescam a alma, docemente, como as liricas de Crisfal, inspiradas na agua viva e buliçosa dos regatos, no pranto das estrelas que cai nas noites tropicais, no amor que é apenas um acordo no peito ofegante das rolas ou no abraço virginal que vai estrada fóra, enchendo de promessas, de flores e de sorrisos a aurora nupcial, que o ceu anuncia...

Fernanda de Castro é uma alma portuguesa. Isto que parecia banal é o seu melhor elogio. Para a poetisa ilustre tudo é admiração e louvor. Motivo de gloria e motivo de humildade. A sua inspiração tem ritmos dum estranho sabor, ordenados num impecavel clacissismo, que espontaneamente floresce, numa paleta poetica, onde a côr vibra em estilhaços irizados de sol, qual deles o mais belo, o mais frenetico, o mais ofuscante.

Fernanda de Castro não busca as perversões duma época, nem os banais episodios de arte em que a ideia surge paralisada de requinte. Livre e rebelde a todas as escolas, escrava apenas do seu sentimento—ogiva de catedral, onde ela ajoelha, entoando a vida em murmurios de humildade—Fernanda de Castro, que já nos deu um livro admiravel: *Cidade em Flôr*, anuncia para muito breve outro que, sem ser o coroamento da sua obra, será, decerto, uma esplendida manhã de sol, entre as flôres mais lindas da terra portuguesa. *Jardim*—assim se intitula a nova obra. E' um titulo cheio de evocação, de romanticismo e de inquieta saudade. E' um titulo cheio de arôma, que nos trás a primavera numa braçada de flôres, que são os seus versos.

Fernanda de Castro—um dos mais altos expoentes da poesia moderna—marca na sua ultima obra, de que transcrevemos amor, a razão de ser e de viver.

a abertura, a anunciação vitoriosa e clara duma inspiração, que procura nos caminhos adolescentes e eternos de

---

O' meu jardim perdido na distancia,
embruxado jardim da minha infancia,
eras tu a alegria dos meus olhos!...
Onde estará meu bibe azul de folhos?
E a fita que prendia os meus cabelos?
E o meu chapeu de laços amarelos?
Foi-se a alegria sem os teus afagos,
talvez ande a boiar sobre estes lagos...
O meu bibe rasgou-se nos espinhos
e anda agora espalhado pelos ninhos.
A fita do cabelo era vermelha,
tomou-a, com certeza, alguma abelha
por uma flor estranha e tropical...
E o meu chapeu de palha de tagal
trouxe nos flancos a ninhada inteira
d'uma gata faminta da goteira.

* * *

O' meu jardim, conta-me os teus segredos...
Já não entendo a voz dos arvoredos,
não sei onde os pardais fizeram ninho,
nem talvez já me lembre do caminho
que terminava n'um palacio aquatico
onde vivia um cisne branco e extatico.
Tinha o cisne a leveza singular
d'uma pluma, d'um sonho a flutuar.

E onde estarás, ó minha gruta obscura,
onde eu ia esconder-me na ternura
dos teus braços rugosos de granito
onde cabia d'antes o infinito?
Que historias me contavas, que bruxedos
quando o vento açoitava os arvoredos
e arrastava o perfume das magnolias
em frémitos sensuais de harpas eólias!
Tinha a lua o clarão rubro e divino
da lampada escarlate de Aladino.

* * *

O' meu jardim, conta-me os teus desejos...
Havia d'antes um rumor de beijos
sobre a relva macia dos canteiros...
Beijavam-se os jasmins nos jasmineiros,
beijavam-se as roseiras nos rosais,
sobre os ninhos beijavam-se os pardais,
e ao pôr do sol, num silencio de seda,
beijavam-se as glicinias da alameda.

* * *

Quando a noite descia branca e muda,
á hora em que o arvoredo se desnuda
e espalha, no jardim, a roupa verde...
A' hora misteriosa em que se perde
o frémito da brisa sôbre os lagos...
A' hora silenciosa dos Reis Magos,
dos gigantes, das bruxas e das fadas,
dos gnomos e das moiras encantadas,
transformavam-se as áleas em palacios...
—O céu era um vitral de tons violaceos...
e eu arrastava, pelas alamedas,
mantos de nevoa, imaginarias sêdas,
tesoiros d'um rajah ou dum rei moiro...

Onde estão, jardineiro, os «*botões d'oiro*»,
onde puzeste os «*brincos de princesa*»,
joias reais da côrte portuguesa?

* * *

Manhã. Manhã de sol. Manhã de chamas,
Arrecadava a noite o veu de lhamas
e o sol—pavão real de penas d'oiro—
poisava, triunfal, sôbre o chão loiro.
Havia sol dentro de cada flôr,
nas azas das abelhas, no esplendor
do balsâmico lixo do jardim;
nos cisnes esculpidos em marfim,
na relva fresca a transbordar de fetos,
nas avencas, nos cactos e nos insectos,
nos vestidos, nas vozes das crianças,
nos joelhos morenos e nas tranças,
nos atalhos desertos e trigueiros
onde nunca passavam jardineiros,
e onde brotavam silvas e medronhos...

* * *

O' meu altar de flores e de sonhos,
ó meu jardim perdido na distancia,
encantado jardim da minha infancia,
aqui me tens para colher *saudades*...
Abre-me a porta. Abaixa as tuas grades.

A REVO

O que foi a sem

e as suas pri

nas ci

DE LISBOA

Chá das cinco

Ter uma querença

O leitor sabe o que é ter uma querença. Ter uma querença é uma maneira especial de gostar de alguem. A querença não chega a ser amôr. E' menos do que o amôr e mais do que a simpatia. E' o "béguin„ traduzido em português.

Quando se diz: "aquele rapaz tem uma querença por aquela rapariga„ — fica-se sabendo que o terreno está preparado para a cultura do microbio que produz a epidemia do amôr.

Póde o amôr não nascer, mas fica sempre no coração a raiz duma querença.

A querença não tem os inconvenientes do amôr. E' um processo moderno de gostar — sem comprometer gravemente o coração. Não é absorvente como o amôr. O enquerençado, em geral, não exige fidelidade á sua querença. Assim, tu pódes amar uma mulher e ter uma querença por outra. E' o amôr que se desdobra? Não! E' um fenomeno vulgar de simpatia casual entre dois individuos de sexo diferente.

E' certo que o amôr vive em grande parte da imaginação e a querença não é mais do que um fenomeno imaginativo. Mas o amôr tem responsabilidades na Historia. Marco Antonio comprometeu Roma por amôr. E a querença é inofensiva — até á altura em que o caso começa a ser mais serio.

Não sei ainda bem o que sinto por ti: se é querença, se é amôr. Para querença apenas, acho que já quero de mais — e para amôr parece-me que ainda quero pouco.

Seja como fôr, tenho uma querença. Antes a não tivesse. Mas acredita que tu és mais infeliz do que eu, porque tens um amôr registado no primeiro bairro — e esse registo confere a um homem o legitimo direito de ter um par de pantufas á beira da tua cama. E a minha querença é livre, alodial — e isenta de contribuições.

Norberto Lopes

Compositores Tipograficos

A direcção da Associação de Classe dos Compositores Tipograficos convida todos os socios que se encontram desempregados e os *ajudas* efectivos a inscreverem-se na séde do Sindicato, ámanhã e depois, das 14 ás 16 horas. Passado estre praso, encerrar-se-ha a inscrição.

Papeis Pintados
E CRETONES IGUAES
RESTAURADORES, 19

Teatro Apolo
HOJE A'S 20 E 30 E 22 E 30 HOJE
Pela Companhia Almeida Cruz
a peça de maior exito nos ultimos anos
MOURARIA

PORTAS, JANELAS, CAIXILHOS e todos os trabalhos — de construção civil —
Carpintaria **Electro Mecanica**
R. do Seculo, 46 — Tel. T. 733

Se não fôssem os jornais — Lisboa já se tinha esquecido da revolução. O sol tão claro nos dias de combate, apagou-se por dias, numa tristeza irreparavel e sem resgate. A cidade ontem, de manhãsinha, apareceu com um palido sorriso. Tinha tristeza e sol na face decomposta — lagrimas apenas sêcas, rugas convulsas, lividês de cadaver, na superfice palida dos marmores — mas linda como ela é sempre, quando chora, quando sofre ou quando se embriaga de paixão. Linda como uma cabeça de mulher, abandonada e sem amor. Linda no seu luto, ungido pela infinita ternura dos que expiraram no regaço, beijando-a pela ultima vez. Magoadamente linda, sangrando ainda, recordando ainda, revivendo ainda, mas com a esperança de que o tempo, eterna cinza de todos os acontecimentos, mais depressa fuja destes dias em que foi milagre resistir e viver...

Renasce a vida! As ruas retomam a sua fisionomia caracteristica. Ha ainda pedaços de metralha, que são varridos como lixo inutil. S. Pedro de Alcantara mostra algumas fendas e escombros — mas a população mal repara, historia de ha três dias! Para lá do Largo de S. Mamede, passado o Palacio Palmela, arruinado na sua arquitectura altiva, com arvores de muitos anos, tombadas sobre a balaustrada renascença — dum lado e doutro da rua, carcassas de predios, janelas arruinadas, escancaradas de odio, pelas granadas, vidros quebrados, moidos no passeio, entre montes de fio, e destroços de trincheiras já desfeitas.

As paredes perderam a côr. Não se sabe se foram azuis ou vermelhas, são derrocadas. Dezenas, centenas de balas entraram pela caliça, pelo azulejo, insinuaram-se em fantasticas trajectorias por aqui e ali, corroendo tudo, como uma variola terrivel e monstruosa. Na Rua S. Filipe Nery passou a morte muitas vezes e ficou estampada nas casas a ferro e fogo, como se o incendio as tivesse fulminado de espanto. Uma velhinha tremula, esconde a cabeça entre as cortinas de uma janela desfeita e leio-lhe ainda nos olhos o louco grito de horror, que a crispou...

Ha algeiroz torcido, vestigios de rendado de milhares de balas. Ha granadas no Arsenal, na rua Braamcamp e na travessa de S. Mamede.

Ontem, domingo, foi dia cheio. O sol em loucas correrias de luz, salpicava de desejos e de curiosidade a alma da multidão. Os electricos circularam. Não em todas as linhas, mas em muitas delas.

Concertam-se os telefones, onde um galanteio misterioso ficou suspenso, de dois labios avidos.

A morte passou. E' preciso agora viver — viver muito depressa, para esquecer o pesadelo, que envolveu Lisboa, numa nuvem de luto, de espanto e de presagios.

...Numa casa sem nome, uma mulher reza devagarinho, enrodilhada e sacrificada á terra, cada palavra é uma lagrima! Cada lagrima é uma saudade! Ergueu-se! Ficou de pé! E' simbolo de luto e de misericordia que jámais esquece! Sobem para ela o perfume das rosas vermelhas, esperança da primavera que já canta, na embriaguez do sol que desponta pedindo ás coisas o seu amor, tocado de esperança...

Artur Portela

Quinta-feira, 3 de Fevereiro

A's 5 horas — Sublevação de parte da guarnição do Porto, a que se juntou a Guarda Republicana de Penafiel. O "comité" revolucionario toma posse de edificios militares e dos correios, do Quartel General e do Governo Civil.

De manhã — Sublevação da pequena guarnição da Figueira da Foz.

A's 8 horas — Parte de Lisboa para o Porto, pelo caminho de ferro, o sr. ministro da Guerra. Assume, em Lisboa, a posse da pasta da Guerra, o sr. ministro das Finanças.

Durante a manhã — Concentração de tropas governamentais.

Em Cantanhede. Forças fieis dominam as tropas sublevadas da Figueira.

A's 13 horas e meia — Chega a Aveiro o sr. ministro da Guerra. Organizam-se os primeiros destacamentos sobre o Porto.

A's 17 horas — Gaia está na posse do governo. O ministro da Guerra entra na Serra do Pilar. Na Batalha, os revolucionarios da guarnição militar, com excepção de infantaria 18, caçadores 9 e artilharia da Serra do Pilar, tomam posições e estão acompanhados de civis.

A's 18 horas — Em Lisboa: medidas preventivas e sossêgo. Pela tarde: notas oficiosas optimistas. No Porto: fuzilaria constante. As forças opostas mantêm as suas posições.

Sexta-feira, 4

A's 8 horas — Encontro de uma parte das forças de ambos os campos, no topo da ponte de D. Luis.

A's 8 e meia — Chega a Campanhã, pelo Minho e Douro, um comboio com forças revoltosas: infantaria e artilharia de Amarante.

A's 10 — Continua o fogo da Serra do Pilar sobre a cidade do Porto, procurando atingir o quartel general dos revoltosos.

A's 13 horas — Noticias de uma sublevação militar em Faro e Tavira, sem lograr dominio. Revolta na canhoneira "Bengo„.

A's 13 e 30 — As tropas governamentais estão plenamente organizadas em Gaia.

A's 17 — Chegam a Faro forças revoltosas de Tavira.

A's 21 e 20 — A canhoneira "Bengo„ em Faro, faz fogo sobre a cidade.

Durante o dia e noite — No Porto — Fogo das forças fieis sobre os revoltosos. Vôam aviões. Em Lisboa — Notas optimistas do governo. Suspensão de jornais desafectos á situação.

Sabado, 5

A's 6 horas — Greve do Sul e Sueste.

De manhã — Em Faro, as forças governamentais liquidam a parcial sublevação militar.

A's 12 horas — A "Bengo„ faz-se ao mar, conduzindo o comandante, revoltoso, tenente Fernandes Costa.

Durante o dia — No Porto: fogo cruzado dos dois campos, com dominio das forças fieis. As pontes são "terra de ninguem„. Em Lisboa: medidas preventivas e socego.

Durante a noite — No Porto, o governo aperta o cêrco, e os revoltosos mantêm as suas posições.

Domingo, 6

De manhã — Chegam ao reducto governamental do Bom Pastor, no Porto, tropas de Braga e Viana.

A's 9 e meia — Os revoltosos, no Porto, falam pela primeira vez, pelo telefone, com o ministro da Guerra.

Durante a manhã — Continua, mais desesperada o bombardeio sobre o Porto, respondendo fracamente as forças revoltosas. Em Lisboa: notas oficiosas dizem que os revoltosos não foram ainda submetidos.

No Porto

O bombardeamento da Arrabida

VILA NOVA DE GAIA, 5, á meia noite (*Do nosso enviado especial*), (atrazado).

Escrevemos esta noticia da casa do sr. Camilo Macedo, cunhado do grande escultor Teixeira Lopes, que gentilmente, e por intermedio do conhecido publicista Joaquim Cerqueira de Vasconcelos, nos proporcionou alojamentos para bem nos desempenharmos da nossa missão de informar o publico.

Estamos ouvindo o passo cadenciado de novas tropas fieis que acabam de chegar a Gaia e que vão ocupar posições.

O tiroteio de artilharia e de metralhadoras durante o dia, foi uma coisa impressionante de grandeza. Pessoas fugidas do Porto, em barcas, dão bem a nota do que aquilo foi, nesta exclamação:

— E' um horror!

Efectivamente, as centenas de granadas e os milhares de balas de metralhadoras que as tropas duma e doutra margem do Douro, fieis ao governo, meteram no Porto, não só destruiram muitas casas, como provocaram numerosas mortes e inumeros ferimentos.

As tropas de ataque têm já aqui cêrca de vinte peças — e vêm mais a caminho. As metralhadoras pesadas e ligeiras contam-se por dezenas e as granadas e balas por muitos milhares.

Da Serra do Pilar, as metralhadoras do governo impedem, com fogo de barragem, a travessia das pontes sobre o Douro, enquanto as peças, colocadas em quatro posições estrategicas, bombardeiam intensamente todas as posições dos revoltosos.

Sobre a cidade, têm voado todos os dias muitos aviões militares e hidro-aviões. Todos eles obedecem ás ordens do ministro da Guerra, estando prontos a bombardear os revoltosos, se tanto fôr necessario.

O sr. tenente-coronel Passos e Sousa, porém, não quere sujeitar a população pacifica a tão terrivel prova, tanto mais que a rendição dos revoltosos é uma coisa que não admite duvidas.

Hoje, a meio da tarde, o sr. tenente Froença, ajudante do ministro da Guerra, ao chegar junto duma bateria de artilharia, constatou que ela estava sendo constantemente e intensamente alvejada por metralhadoras instaladas no bairro da Arrabida — do outro lado do Douro — e num pinhal. Imediatamente, ajudado pelo tenente Oscar Ruas e por alguns soldados, conduziu a braços, para um campo, uma peça — «A vadia», assim chamada, por-

[...]LUÇÃO

[...]mana sangrenta

[...]ncipais «étapes»

[...]dades

[...]E DO PORTO

Á's 12 horas.—Chegam á Batalha alguns elementos revoltosos de caçadores 7, de Valença. Desenvolvimento do ataque pelas peças governamentais.

A's 13 horas e meia.—Chegam a Gaia, de olhos vendados, três delegados dos revoltosos, que não aceitam condições de rendição, e regressam. Mantêm estes as posições tomadas.

A's 16 horas.—No Porto, as forças governamentais intensificam o bombardeamento. Alguns contigentes entram na cidade, atravessando o rio e apertam o cêrco.

A's 16 horas e meia.—Segue de Lisboa para o Porto o "Infante de Sagres„ com tropas fieis.

Durante a noite. — Incendios no Porto. Os revoltosos mantêm ainda as suas posições. Em Lisboa: medidas preventivas e notas oficiosas optimistas.

Segunda-feira, 7

De noite e madrugada.—No Porto continuam os combates, com dominio das forças fieis. Os revoltosos respondem fracamente e ocupam as suas posições.

A's 10 horas.—Em Lisboa: revoltam-se forças militares de Marinha, G. N. R., policia, com civis armados.

Durante a tarde—Tomada, em Lisboa, pelos revoltosos, do Arsenal da Marinha, Quartel dos Marinheiros e posições no Bairro Alto e Rato.

A's 15 horas—As forças militares de Lisboa e o governo concentram-se no Alto da Penitenciaria. A população recolhe ás casas.

A' noite—Intensifica-se o fogo disperso. As forças fieis bombardeiam as posições revoltosas.

Durante o dia e noite—Continuam os combates no Porto, mantendo-se os revoltosos, apesar de acusarem abatimento. No resto do país, sossêgo.

Terça-feira, 8

A's 3 horas — No Porto, ultimos tiros da artilharia fiel.

A's 3 e 15—Telefonema da rendição, no Porto, transmitido pelos revoltosos para o ministro da Guerra. Fim da revolta do Porto.

A's 7 horas—Entram no Porto forças isoladas governamentais.

A's 9 horas—Os revoltosos desarmados descem a rua 31 de Janeiro.

A's 9 e meia—Entram no Porto, pela ponte D. Luis, as tropas governamentais, com o sr. ministro da Guerra á frente.

Durante o dia e noite—Em Lisboa: Bombardeamento intensivo das tropas da guarnição da cidade, sobre os locais ocupados pelos revoltosos. Combates, com alternativas de avanço e recuo, no Rato. Morte de Americo Olavo, em sua casa.

A's 19 e meia — Tiros do "Carvalho Araujo„, revoltado.

Quarta-feira, 9

De manhã — Entra no alto de Campolide, no acampamento fiel, o sr. ministro da Guerra, vindo do Porto. Recrudesce o fogo das forças governamentais sobre as tropas revoltosas, que resistem no Rato e no Arsenal. Fogo de Campolide, do Torel e do Castelo de S. Jorge. Continua a insubordinação do cruzador "Carvalho Araujo„ que é reduzido a silencio e se rende.

A's 17 e meia — O Arsenal da Marinha, ainda em posse dos revoltosos, é bombardeado violentamente. Intervenção dos aviões.

A's 20 horas — Telefonema da rendição dos revoltosos.

Durante a noite — Prisões dos chefes. O governo retoma a posse da cidade. Prisões e medidas preventivas. Termina a semana sangrenta.

---

que não estava em acção, abandonada ás exigencias da luta.

E, regulado o tiro, fez contra os revoltosos uns cincoenta tiros que reduziram as metralhadoras a um silencio tão completo que se ouviam perfeitamente do lado de cá muitos gritos aflitivos e as cornetas dos Bombeiros e da Cruz Vermelha.

A's 11,30 da noite, as baterias do governo fizeram uma série de tiros consecutivos, acompanhados pelo funcionamento das metralhadoras.

Os revoltosos estão numa pequena area do Porto, sendo atacados constantemente, de ambas as margens do Douro, pelas tropas fieis.

O bombardeamento continua—sem resposta:::

FELIX CORREIA

Os prejuizos
no Palacio Palmela

Os estragos produzidos no Palacio Palmela, independentemente do seu valor material na fachada e nos interiores, causaram grande impressão nos artistas e nos amadores de arte, de uma maneira geral, em todas as pessoas que conhecem o precioso recheio de arte que é a residencia actual dos duques do mesmo titulo.

"Um verdadeiro museu„—é a classificação dada em todos os volumes que tratam de Lisboa artistica aos interiores daquela casa, que foi edificada nos fins do seculo XVIII pelo arquitecto Manuel Caetano de Sousa, tendo sido comprada em 1822 pelo barão de Teixeira, depois 1.º conde da Povoa, cuja filha casou com o 2.º duque de Palmela.

Mais tarde foi acrescentado ao palacio um andar, que é aquele onde se produziram agora os maiores estragos.

No portão de entrada nobre, na rua, ha duas figuras do cinzel de Calmels, que, diga-se em abono de verdade, desfearam um pouco a fachada, embora a tornassem aparentemente sumptuosa.

O recheio deste Palacio-Museu não cabe, em descrição, no espaço de que dispomos. Em todo o caso damos uma pequena indicação dos valores de arte, principalmente em pintura.

Admiram-se, nas salas e escadarias, uma "Sacra Familia", atribuida a Rafael; uma outra tela, de Julio Romano; um "S. Paulo Eremita", de Guido Reni; "O Encontro de Santa Isabel, de Georgione; "O Cristo na Coluna", de Luini um formosissimo retrato de Afonso d'Este, de Ticiano; quadros de Tenièrs, Merilan, Brenghel, Balestre, documentos preciosos das escolas de Rembrandt e de Van Dick, e da escola portuguesa, quadros e Tabuas de grande classe, entre os quais "D. Sebastião", atribuido a Claudio Coelho, e uma Tabua do seculo XVI, da epoca do Rei Venturoso.

São muitos os exemplares da melhor arte portuguesa, como telas da escola de Lisboa do ano de 1520, formosas pinturas de Sequeira, Vieira Lusitano, e esculturas preciosas de todos os tempos, entre as quais de Soares dos Reis e de Teixeira Lopes.

Deste, ficou destruido, na Sala Amarela, o busto da Duquesa, mãe da actual titular. O modelo, porém, está no "atelier" das Devezas, e o escultor, felizmente, ainda é vivo.

Foram destruidos dois retratos do famoso pintor inglês Thomaz Lawrence, o pintor do Rei Jorge IV, nascido em 1769, e que foi discipulo de Reynolds, tendo pintado para o palacio de Windsor formosos retratos, entre os quais o de Wellington. O inglês Lawrence, tido como um dos maiores retratistas do mundo (bastaria citar o lindo retrato de Lady Cooper e o da Duqueza de Berry), pintou os retratos da Duqueza de Palmela D. Eugenia Xavier Teles da Gama, nascida em 1798 e falecida em 1848, filha da Marqueza de Niza e de D. Domingos de Lima, e de seu marido o famoso diplomata e estadista D. Pedro de Sousa Holstein, casado com D. Eugenia, em 1810, e que era filho do Conde de Sanfré de Piemonte e de D. Izabel Juliana de Sousa Coutinho Monteiro Paim.

Estes dois retratos eram lindissimos, e a familia justamente lhe atribuia um grande carinho. Basta dizer que D. Pedro, o que representou Portugal, em Viena em 1812—onde logrou reconhecer o direito de Portugal sobre Olivença, mas não conseguiu a sua entrega—, e D. Eugenia, foram pais de 16 filhos, entre os quais o Conde de Calhariz, a Marquesa de Minas, D. Izabel, o Marquez de Fayal, D. Mariana, D. Maria, a Condessa de Alcaçovas, D. Rodrigo, a Condessa de Galveias, D. Catarina, D. Ana, D. Pedro, o Marquez de Sousa Holstein, o Marquez de Cezimbra, o de Montalim, etc.

Uma tela "S. Miguel Esmagando o Demonio„, talvez a mais preciosa do Palacio, que esteve no Palacio da Alcaçova de Lisboa, nos tempos da Infanta D. Maria—foi inutilisada no bombardeamento, assim como inumeras ceramicas raras. E note-se que no Museu Palmela existem exemplares de todas as escolas e tempos, entre os quais 30 esmaltes Limoges do seculo XVI, que pertenceram aos Angejas, e uma colecção de vasos italo-gregos, reunidos por D. Alexandre de Sousa Holstein.

Tapeçarias persas e de valor incalculavel foram traçadas umas, atingidas outras, ficando porém a maior parte incolume. Um lustre de Veneza antigo foi reduzido a estilhaços.

Os prejuizos calculam-se em 1 800 contos, dado o altissimo valor das telas antigas estragadas. Os objectos de valor, destruidos, mas não tidos como peças de Museu, não interessam a esta noticia. São bastantes, e entre elas jarrões orientais.

Segundo informações colhidas directamente, e ao contrario do que correu, os revolucionarios não roubaram coisa alguma no Palacio, embora pela sua atitude dessem aso á devastação da artilharia.

A Senhora Duqueza esteve nos baixos do palacio durante os dias da revolução, encontrando-se presentemente doente em casa de pessoa de sua familia.

Pelos teatros

Teatros que reabrem amanhã

Reabrem amanhã os seguintes teatros, com peças já representadas: o S. Luiz, Companhia Armando de Vasconcelos, com a «reprise» da opereta «A dança das Libelulas», tendo como protagonista Auzenda de Oliveira; e o Politeama com a peça «Os Filhos», que está realizando as suas ultimas representações; e o Avenida, com a 50.ª representação do «vaudevelle» «O Pé de Salsa»; e o Ginasio, com a «prémière» da peça «Condessa Maria».

«O Maluco das Avenidas Novas»

Está marcada para depois de amanhã a primeira representação, no teatro Nacional, da comedia, destinada á epoca de Carnaval, «O Maluco das Avenidas Novas», que vai ser interpretada com a seguinte distribuição:

«Regina», Berta de Bivar; «Ricarda», Adelina Abranches; «João», Alves da Cunha; «Mariana», Elvira Velez, que se estreia neste teatro; «Balbina», Ofelia Brochado; «Rosa», Maria Isabel; «Joana», Branca Riquetti; «Fernando», Ribeiro Lopes; «Dr. Samuel», Carlos de Oliveira; «Serafim», Antonio Sacramento; «Sepulveda», Luis Pinto; «Filipe», João Calazans; «Bantista», Carlos Shore.

Os espectaculos de hoje

Além do Trindade, dão hoje espectaculo mais os seguintes teatros: O Apolo, com a sua opereta «Mouraria»; o Salão Foz, com o seu habitual espectaculo de variedades e cinematografo e o Eden Teatro com a revista «Sempre Fixe», em duas sessões; o Coliseu, onde a celebre artista Woolford, com 50 pombos, executa os mais extraordinarios e surpreendentes exercicios, que no estrangeiro têm feito um sucesso sem igual.

«O senhor doutor e seu marido»

No Teatro Politeama deve representar-se ainda esta semana a comedia «O senhor doutor e seu marido», na versão do nosso querido camarada Alvaro de Andrade, da comedia em 3 actos, de Louis Verneuil e George Berr, «Maitre Bolbec et son mari», ainda em scena no Theatre Athenée, de Paris, com a seguinte distribuição:

«Colette Bolbec», Ida Stichini; «Cecilia Pointel», Albertina de Oliveira; «Magda Kramsen», Luz Veloso; «Edmundo Bolbec», Alexandre de Azevedo; «Roberto Valentim», Raul de Carvalho; «Rabiscoul», Antonio Melo, e «Artur», Artur Sá.

As «premiéres» de amanhã

Condessa Maria—Hoje, ainda não ha espectaculos no Gimnasio, a fim da companhia Amelia Rey Colaço-Robles Monteiro realizar o ensaio geral da peça espanhola «Condessa Maria», do repertorio da grande actriz Maria Guerrero, original do escritor madrileno Luca de Tena, tradução do nosso querido colega Alvaro de Andrade, e cuja distribuição é a seguinte:

«Condessa Maria», Emilia de Oliveira; «Rosario», Amelia Rey Colaço; «Clotilde», Constança Navarro; «Clara», Manuela Porto; «Rosalina», Teresa Taveira; «Manuel», Joaquim de Oliveira; «Marquês», Robles Monteiro; «Criado», Pinto Rames.

A ensecenação é de Robles Monteiro e os interiores cuidados pela ilustre actriz Amelia Rey Colaço.

O Olho da Providencia—Tambem no popular teatro Variedades, no Parque Mayer, companhia Maria Matos-Mendonça de Carvalho, se realiza hoje o ensaio geral da celebre farça de Xavier da Silva e João Bastos, «O olho da Providencia», em que entram os seguintes artistas:

Maria Matos, Maria Lagoa, Paz Rodrigues, Berta de Albuquerque, Beatriz Belmar, Ruth Marçal, Miquelina Rodrigues, Maria de Luna, Antonio Palma, José Gamboa, Joaquim Miranda, Henrique Alves, Silvestre Alegrim, Santos Melo, João Gaspar, Artur Silva, José Cardoso, Celestino Ribeiro e José Carvalho.

Leopoldo Frois

Leopoldo Frois, que é justamente considerado o primeiro actor brasileiro, estreia-se hoje, no teatro da Trindade, na magnifica comedia «O sr. que se segue», que Pereira Coelho e Matos Sequeira, com apurado gosto literario, traduziram do francês, com impecavel rigor. Leopoldo Frois é um actor consagrado, que iniciou os seus primeiros passos no teatro português e que, em breve, alcançou um brilhantissimo lugar. Artista de magnifica linhagem, oportuno no desenho das figuras, galã cheio de finura e de elegancia. Frois vai, decerto, obter um legitimo sucesso, esta noite, ao lado de Brunilde Judice da Costa, que tambem hoje se estreia.

Conchita Ullia

No teatro Romea, de Madrid, reapareceu, com grande exito, a gentil cancionista Conchita Ullia, aplaudidissima em todos os numeros e, especialmente, nos cantados em português.

Conchita Ullia, que segue depois para Barcelona, e sua irmã, que a acompanha em toda a «tournée», têm sido acolhidas, gentilmente, pelos representantes diplomaticos de Portugal.

CARTAZ

TEATROS

São Luiz—A's 21—Recital de D. Margarida Lopes de Almeida.
Trindade—A's 21—«O senhor que se segue».
Eden—A's 20 1|2 e 22 1|2—«Sempre fixe».
Coliseu dos Recreios—A's 21—Companhia de Circo.
Bristol Club-Dancing—O unico sempre em festa.

ANIMATOGRAFOS

Salão Foz—A's 21,15—Variedades.
Olimpia—Das 2 e 1|2 da tarde ás 12 e 1|2 da noite—Animatografo.
Salão Ideal—Animatografo.
Bal-Tabarin Montanha—A's 21,30, 11 e 1.—Sessões de variedades.

A's 21,15 horas **TRINDADE** Telef. T. 976

Companhia Lucilia Simões-Erico Braga

HOJE

O senhor que se segue

Estreia do grande actor brasileiro
LEOPOLDO FROIS

A'S 21 e 15 **TEATRO NACIONAL** TELEF. N. 3045

COMP.ª BERTA DE BIVAR-ALVES DA CUNHA

A'manhã:

O Maluco das Avenidas Novas

Adaptação de Lino Ferreira e Alvaro Santos

TEATRO AVENIDA Tel. N. 4356

COMPANHIA SATANELA-AMARANTE

A'manhã, ás 21,30

O Pé de Salsa

Em ensaios:
O bom ladrão

VARIEDADES — (Parque Mayer)

Teatro de Comédia e Farça

Companhia Maria Matos-Mendonça de Carvalho

A'manhã: Duas sessões, ás 8,30 e 10,30

1.ª representação **O Olho da Providencia**

Farça em 3 actos, de Xavier da Silva e João Bastos. Principais papeis: MARIA MATOS, SILVESTRE ALEGRIM e HENRIQUE ALVES

POLICLINICA DA ESTRELA

Rua Domingos Sequeira, J. M., r|c—LISBOA

Telefone Trindade-202

D. dos rins e vias urinarias, ás 10,30 horas—**Dr. Antunes Prior.**
Clinica cirurgica—Operações, ás 16,30 horas—**Dr. Bastos Gonçalves.**
Ouvidos, nariz e garganta, ás 9,30 horas — **Dr. Carlos Larroudé.**
Sifilis e doenças venereas ás 11 horas — **Dr. Carmo dos Santos.**
Clinica medica, coração e pulmões, ás 16 horas — **Dr. Drummond Borges.**
D. das gravidas, puerperas, utero e anexos — Doenças das crianças, ás 12 horas — **Dr. Jose Bonito.**
Estoma, figado e intestinos — D. da nutrição (diabetes gota, obsesidade), ás 14 horas. — **Dr. Luiz Quintela.**
Clinica geral, ás 14 horas — **Dr. Manuel d'Assumpção**
Doenças da pele e venerologia, ás 13,30 horas — **Dr. Caeiro Carrasco.**
Analises clinicas — Vacinas, ás 15 horas — **Dr. Marques Manaças.**
Doenças dos olhos, ás 9,30 horas — **Dr. Sertorio Senna**
D. da boca e dentes — Prótese, 12,30 horas. — **Dr. Virgilio Xavier.**
RaiosX — Radioterápia ás 16 horas — **Dr. Aleu Saldanha Cruz.**
D. Nervosas e Mentais — Electroterapia, ás 16 horas — **Dr. Luiz Pacheco,**
Ortopedia — Massagem Gimn—astica medica, ás 15 horas — **Dr. Salazar Carreira**

BIDONS

Fabrica e reparação de **Bidons** em todas as capacidades

O que melhor se fabrica em Portugal

BIDONS especiais para o transporte de AZEITE, AGUARDENTES, ALCOOLS, etc., preparados interiormente para não haver alteração de côr ou qualidade.

COFRES os que se constroem em Portugal por soldadura a autogenio e electrica, garantia absoluta contra fogo assim como arrombamento.

Toda a obra de serralharia — Mobiliario para hospitais — Camas — Fogões

Dirijam-se á

Empresa Industrial de Construções Metalicas, Ltd.

Premiada com medalhas de ouro e prata na Exposição Industrial Portuguesa

Rua Bomjardim, 1079 — PORTO

BRISTOL CLUB-DANCING

o unico com caracter e ambiente

HOJE EDEN TEATRO

A'S 8 E MEIA E 10 E MEIA

Recomeçam os espectaculos com a famosa revista

Sempre fixe HOJE

DESEMPENHADA POR DUAS COMPANHIAS

PREÇOS POPULARISSIMOS

BUFALO

PELES preferidas pelas pessoas que desejam BOM e DISTINTO para estofar AUTOMOVEIS e MAPLES. Seis metros de superficie cada, em dezenas de LINDISSIMOS TONS.

UNICAS que conservam irrepreensivel atravez do mais intenso uso, todo o BRILHO inicial das suas BELAS CORES, todo o correcto perfil das suas CONFORTAVEIS LINHAS.

DEPOSITARIO

FRANCISCO DA SILVA DIAS

Rua Arco Marquez de Alegrete, 13, 1.º

CASA CHAMUSCO

68 a 72-Rua do Carmo-LISBOA

OCASIÃO

Devido aos acontecimentos e tambem por ser fim de estação, resolvemos fazer grandes abatimentos para dar saida á grande existencia que existe neste estabelecimento.

Crepes chine, crepe japonais, crepe satin, crepe marocain. Tifilis, Georgettes, Voile ninon Phili.
Veludos seda lisos e fantasia.
Georgettes com veludo.
Sedas para Manteaux, Lamés, Rendas pretas, brancas, prateadas, douradas.
Panos para casacos.
Lãs inglesas, francesas, para vestido.
Retalhos de sedas, veludos e lãs.
Vestidos, Casacos.

THEATRO DO GYMNASIO Tel. T. 914

AMANHÃ — A's 9 1|2 da noite

1.ª representação da peça em 3 actos, original de Luca de Tena, tradução de Alvaro de Andrade

Condessa Maria

Protagonista: Emilia de Oliveira
Interpretação da Companhia Amelia Rey-Colaço—Robles Monteiro

POLITEAMA *Empresa Luiz Pereira — Telef. N. 3028 —*

A's 21,30 Companhia Ilda Stichini-Alexandre d'Azevedo

Amanhã

OS FILHOS

Ainda esta semana

O Sr. Dr. e seu marido

VERSÃO DE ALVARO D'ANDRADE

MAHDI

O melhor papel para cigarros de fabricação francesa.
Isento de materias nocivas á saude dos fumadores.

Unicos importadores

Pereira & C.ª L.da

Rua da Madalena, 113-2.º

LISBOA

Aconselhamos a todas as senhoras o uso do preparado

A Juventude

unico que evita a queda, ondulando, e fazendo crescer o cabelo, pois assim é preciso para se ter uma farta cabeleira e bem ondulada, como o exige a moda.

A' venda na Drogaria e Perfumaria

V.ª José Dias

RUA FANQUEIROS, 342-344

LISBOA

DR. ARBUES MOREIRA

CLINICA MEDICA

DOENÇAS PULMONARES

CONSULTAS AS 4 HORAS

AVENIDA DA LIBERDADE, 77, 1.º

GRANDE HOTEL DUAS NAÇOES

Almoços e Jantares avulsos

ACEITAM-SE COMENSAIS

Direcção Culinaria de

Affonso Rodrigues da Costa

Gerencia

Conrad Wissmann Junior

✝

Doutor Antonio Maria de Carvalho d'Almeida Serra

MISSA DO 1.º ANIVERSARIO

Sufragando a sua alma, sua familia manda resar missa amanhã, 15, pelas 12 horas, na Egreja de S. Domingos.

Antecipadamente agradece a todas as pessoas que se dignarem assistir a êsse piedoso acto.

Dr.ª Deolinda Reis
Ex-assistente de Clinica Cirurgica da Faculdade de Medicina de Lisboa
Doenças das senhoras—Clinica geral
Consultas das 16 ás 18 horas
Consultorio: R. do Ouro, 178, 2.º–Tel. C. 2516

ESTRANGEIRO

NOVA LEITARIA DO CAMÕES
ARAUJO & ARAUJO
Vinhos finos, champagnes e licores
Chocolates e pastelaria
Praça Luiz de Camões, 41
LISBOA

O QUE VAE LA POR FORA

Poeira DO MUNDO

Da Suissa

GENEBRA, 14

Entrevistado sobre a iniciativa do presidente Coolidge, o sr. Paulo Boncour declarou á Agencia Havas ver pessoalmente um grande inconveniente em tratar isoladamente e somente pelas grandes potencias um unico aspecto do desarmamento, quando todas as nações têm direitos iguais, não devendo nenhuma delas poder impor a sua vontade. Contudo, considera a possibilidade duma conferencia proxima conduzindo a uma convenção sobre os armamentos terrestres, aerios e navais, se as nações formularem propostas precisas até ao dia 20 do corrente.—(H.)

Da China

SHANGAI, 14

Uma violenta ofensiva das tropas do norte conseguiu atirar os cantonêses para as montanhas de Hang Lcheou, onde se entrincheiram activamente. A batalha, particularmente intensa e feroz, continua, havendo já milhares de mortos e feridos.—(H.)

Da França

PARIS, 14

O "Echo de Paris„ crê poder avaliar aproximadamente em 15 biliões a massa de que dispõe actualmente o Tesouro, e proveniente das entradas de imposto e das somas recuperadas sobre os caminhos de ferro do Estado e da Alsacia Lorena. Esta massa é largamente suficiente para assegurar as necessidades correntes, comprar divisas e reembolsar o Banco de França.—(H.)

LEILÃO DE PENHORES
A COMERCIAL
18, T. da Trindade, 22
(Frente ao Teatro do Ginasio)
Tel. C. 3992
Dia 21 do corrente e seguintes, ás 2 horas.

CARTA DO BRASIL

O Orfeão PORTUGUEZ e a homenagem a Rui Chianca

prestada pelo Centro da Extremadura

RIO — JANEIRO — Ruy Chianca, que para tratar de varios assuntos de interesse da colonia, havia ido a Portugal, acaba de regressar.

O seu desembarque foi concorridissimo, tendo ido aguardar o ilustre director da revista "Portugal„, não só toda a directoria do Centro da Extremadura, membros da Comissão Iniciadora da Fundação da Casa de Portugal, como muitos amigos e admiradores do consagrado autor da "Aljubarrota„ e distinto compatriota, um dos mais incansaveis trabalhadores da obra de ressurgimento nacional e obreiro infatigavel do nosso bom nome em terra alheia.

Ruy Chianca, a quem o Centro da Extremadura vai muito em breve prestar a devida homenagem numa sessão solene que se realizará no Gabinete Português de Leitura, dirá nesse momento aos seus compatriotas os resultados das missões que o levaram a Lisboa e comunicar-lhes-ha coisas que particularmente lhes interessa.

Ha poucos dias o brioso Orfeon Português teve as suas salas em festa. Uma festa de carinho, que bem se pode definir por festa da gratidão.

Tratava-se de receber o antigo presidente daquela agremiação, o sr. Luis Carlos Reis, que tem o seu nome ligado a todo o progresso e engrandecimento do Orfeon Português.

Afastado do Rio durante dezoito meses, Luis Carlos Reis foi constantemente recordado naquela casa, onde tudo fala da actividade infatigavel, das qualidades de caracter e de trabalho, do amor e interesse do seu ex-presidente.

A sala do Orfeon teve, por isso, nessa noite um aspecto especial, vendo-se bem em todos os orfeonistas e actuais directores e socios o maior contentamento pelo regresso do generoso amigo, cuja actividade contam que continue a ser preciosa á colectividade, uma das mais simpaticas agremiações portuguesas no Rio de Janeiro.

Saudou o recem-vindo, o sr. Conde de Pinheiro Domingues, um dos grandes amigos daquela casa e falaram delegados do grupo orfeonico e da tuna.

O sr. Luiz Carlos Reis, visivelmente emocionado agradeceu as homenagens de que estava sendo alvo, bem como sua gentil esposa, a quem foram oferecidas ricas "corbeilles„ de lindas flôres. Lembrou Carlos Reis a sua actuação no Orfeão, a saudade dele e dos amigos, que nunca o desamparara na sua ausencia, falou detidamente da forma como os estudantes portugueses recordavam a inesquecivel noite em que foram recebidos ali, saudou a imprensa portuguesa, no representante do "Diario de Lisboa„, ali presente e agradeceu á imprensa brasileira todo o apoio que tem dispensado sempre ao Orfeão Português, que tem uma missão tão elevada a cumprir na colonia.

Tanto o Orfeão como a Tuna executaram varios numeros do seu vastissimo repertorio, sendo muito aplaudidos.

Em seguida foi servido um delicado copo de agua, trocando-se afectuosos brindes.

Devemos salientar o carinho com que é sempre festejado no Orfeão Português, o "Diario de Lisboa„, cujo representante é sempre cumulado das maiores gentilezas.

Luiz Carlos Reis, ao terminar um dos seus discursos, ao champagne, pediu ao correspondente do "Diario de Lisboa„ que, por intermedio deste vespertino sejam saudados cordealmente em nome do Orteão Português do Rio de Janeiro os academicos portugueses que vieram ao Brasil.

Gastão de Betencourt

O QUE VAE LA POR FORA

Poeira DO MUNDO

Do Brasil

RIO DE JANEIRO, 13

O novo conselho director da Camara Portuguesa de Comercio telegrafou ao sr. general Oscar Carmona, manifestando o seu regosijo pelo restabelecimento da ordem em Portugal. — (A.)

O embaixador norte-americano entregou ao ministro das Relações Exteriores o «memorandum» dos Estados Unidos sobre o desarmamento naval. Os circulos oficiais ainda se não manifestaram.—(A.)

O dr. Raul Regis de Oliveira, embaixador do Brasil na Grã-Bretanha, actualmente no Rio de Janeiro, visitou a Camara de Comercio Internacional, para se documentar ácêrca do funcionamento daquele importante organismo, pois o diplomata brasileiro está muito interessado no projecto da criação duma Camara de Comercio Anglo-brasileira em Londres.

Acompanhado de sua esposa, o dr. Regis de Oliveira parte brevemente para a Inglaterra. — (A.)

O dr. Guilherme Guinle, da ilustre familia Guinle, famosa pelos actos de alta benemerencia de todos os seus membros, que tem empregado parte da sua fortuna em obras grandiosas de auxilio social, consagrou quatro mil contos brasileiros para a construção duma leprosaria e para a criação duma escola de leprologia, querendo assim secundar as autoridades federais e estadoais na sua acção contra a lepra. Tanto o hospital como a Escola, que ficarão fazendo parte da Faculdade de Medicina do Rio, reunirão todos os aperfeiçoamentos modernos. O dr. Guilherme Guinle é director da Fundação Graffée Guinle, grande hospital para doenças venereas, do genero das fundações Rockfeller. Estabelecida em bases modernissimas e dirigida clinicamente pelas maiores sumidades medicas brasileiras, a Fundação Graffée Guinle é uma das melhores casas hospitalares do Mundo. No genero, nenhuma ha que se lhe avantage.—(A.)

É DE TODAS A MAIS LEVE
E A MELHOR
PARA REFRIGERANTES
AGUA DE S. MARÇAL
DEPOSITO
RUA DO SACRAMENTO (á Lapa), 82
LISBOA Tel. 570 Trindade

ASSALTOS ▪ GREVES ▪ TUMULTOS E REVOLUÇÕES
SEGUROS CONTRA ESTES RISCOS efectua
A MUNDIAL
Capital 1.871.800$00
SEDE LARGO do CHIADO LISBOA
Telefone C. 4352
Reserva 3.092.587$94,2
FILIAL NO PORTO na sua propriedade Pr. Guilherme Gomes Fernandes, 10
S. A. R. L.

AVENIDA PALACE CLUB
(PALACIO MAYER)
A DIRECÇÃO PARTICIPA AOS EX.MOS SOCIOS QUE O CLUB, A PARTIR DE HOJE, ABRE ÁS 17 HORAS — CHÁ TANGO TODAS AS TARDES
LISBOA, 14 DE FEVEREIRO DE 1927

Acaba de saír a 1.ª edição ilustrada
de
Os Fidalgos da Casa Mourisca
Esta interessante obra de Julio Diniz, põz-se á venda com lindas aguarelas de Morais, magnificamente impressas em papel couché, e uma vistosa capa a côres do mesmo aguarelista, 1 vol. em bom papel . . . . 7$00
A mesma edição, para colecionadores, em papel de luxo encadernada em percalina . . . . 14$00
NÃO SE ENVIA Á COBRANÇA — A' venda em todas as Livrarias e na Empreza Literaria Universal — Rua da Era, 17 — LISBOA.

Monumental Club
(PALACIO S. LUIZ)
Reabre hoje as suas salas
VARIEDADES

Cardoso do Amaral
E
Corrêa Guedes
Advogados
Rua da Prata, 54-2.—Tel. C. 3763

ULTIMAS NOTICIAS

RESTAURANT BACALHAU
A's portas de Bemfica
O retiro melhor frequentado
Encontram-se á venda os afamados vinhos novos em cima da bôrra, fabrico especial d'esta casa. Optimas salas reservadas e grande salao com petits tables. Magnifico serviço culinario. Gabinetes reservados.
Aberto toda a noite.

O RESCALDO

A acção da marinha

e o que se passou no quartel de Alcantara

Um oficial de Marinha disse-me hoje:

—Você, que conhece tão bem como eu os marinheiros, que viveu com eles no mar, que sabe até que ponto vai o seu espirito de sacrificio nos momentos de perigo, escreva alguma coisa sobre a Marinha, diga o que se passou, esclareça alguns pontos que estão ainda confusos e reponha outros no seu verdadeiro pé.

E eu então puz-me a ouvir o que se tinha passado.

E' certo que alguns elementos de Marinha estavam comprometidos no movimento. Não é menos certo que outros fôram para a revolução de olhos vendados.

Houve quem os enganasse? Naturalmente, houve. O inquerito a que se está procedendo esclarecerá a verdade. O jornalista antepõe-se ao inquerito e conta o que ouviu.

A rebelião da Marinha iniciou-se no Quartel de Alcantara. Nos dias que antecederam a revolta, os boatos fervilhavam. Havia uma grande efervescencia dentro do Quartel. No entanto, a disciplina mantinha-se.

O oficial que comandava a companhia de infantaria é um 1.º tenente cheio de brio e de amôr pela sua profissão. Conheço-o do mar. Sabe tratar com marinheiros. E' um marinheiro.

Na vespera da revolta, o tenente Castelão de Almeida reuniu os seus homens e disse-lhes:

—Acabo de ser informado pelas autoridades superiores de Marinha de que se prepara um movimento militar. Afirmam-me que a Marinha está comprometida no movimento. Não acredito que seja assim em relação aos marinheiros que estão sob o meu comando. Aconselho-os, portanto, a manterem-se disciplinados sob as minhas ordens e a não servirem de degrau a quem quer que pretenda aproveitar-se de vocês para escalar as cadeiras do poder.

Podia ter dito: — para trepar ao cesto da gávea do poder.

E os marinheiros calaram-se. Os marinheiros obedeceram.

Entretanto, estala o movimento. O comando geral da Armada pede ao Quartel de Marinheiros uma força para guarnecer o Arsenal. O tenente Castelão de Almeida declara que não é prudente que saiam marinheiros do Quartel. O comando insiste. Destaca-se para o Arsenal uma força de 20 homens. Da *Sagres* desembarca tambem uma força de 20 marinheiros. E segue o destacamento para o Arsenal, onde já então se tinham desenrolado acontecimentos graves.

A força de Marinha que tinha seguido do Quartel insubordina-se. O tenente Tenreiro, que comandava o destacamento da *Sagres*, toma uma atitude energica e consegue fazer-se obedecer pelos seus homens:

—Quem é pela ordem vem para o meu lado. Quem é pela revolução, vai para o lado de lá.

Três marinheiros dão um passo em frente e formam junto dos seus camaradas da *Sagres*. Outros três que pertenciam ao contingente de desembarque passam-se para o lado de lá.

E a força recolhe ao Quartel. Do comando geral da Armada telefonam para Alcantara:

—Prenda os marinheiros que se insubordinaram!

O tenente Castelão de Almeida responde:

—Os marinheiros estão no Quartel e obedecem ás minhas ordens. Comprometo-me a prendê-los depois do toque de alvorada.

E cumpriu a sua palavra. Os marinheiros fôram desarmados e recolheram ao «isolado».

Saiu então do Quartel para dar conta da sua missão ás autoridades superiores de Marinha. A essa hora, a revolução estava na rua.

Entretanto, passavam-se acontecimentos graves no Quartel de Alcantara. Aproveitando a ausencia do comandante, entrou ali um oficial de Marinha que conseguiu insubordinar a companhia, falando-lhe na defeza da Republica. Os oficiais fieis que ali se encontravam fôram impotentes para dominar a rebelião. Os marinheiros presos fôram restituidos á liberdade. E a companhia saíu para a rua.

Querendo regressar ao seu quartel, o tenente Castelão de Almeida viu-se envolvido por um grupo de civis que lhe pediram que os comandasse. Chegou a entrar mesmo dentro dum *camion*, de onde mais tarde saíu para se apresentar na Aviação Maritima e depois na Esquadrilha de Submersiveis, onde aguardou ordens.

Mas as ordens eram demoradas. Houve mesmo uma altura em que ninguem dava ordens. E o Quartel de Marinheiros, com o seu comandante e os três oficiais que o tinham acompanhado, passou a receber ordens do Governo Militar de Lisboa.

Num determinado momento, dominada já a revolução, mandaram-lhe içar a bandeira branca. E a bandeira subiu no tope do mastro. Alguem cortou a adriça. A bandeira caíu, mas tornou a subir.

E porque só uma parte estava nitidamente aliciada, apurem-se as responsabilidades, condenem-se os que desobedeceram, mas salvem a honra da Marinha!

Os marinheiros fizeram-se para o mar. E' preciso vê-los no mar — para sentir por esses bravos uma grande admiração.

No peito de cada homem que veste o «alcache» bate um coração de português!

NORBERTO LOPES

A aviação

apenas lançou bombas

contra a peça revoltosa

instalada no pontão do Arsenal

O ultimo movimento trouxe uma inovação ás revoluções portuguesas: a intervenção da quinta arma — intervenção que se póde classificar de decisiva.

Só noutro movimento — o de 5 de Dezembro — se registou uma nota tragica para a Aviação: o aeroplano em que Martins de Lima e Caseiro voavam sobre a Rotunda, por ordem do governo, foi abatido a tiro pelos revolucionarios — e os dois bravos oficiais morreram.

Nos ultimos acontecimentos, a Aviação esteve desde a primeira hora ao lado do governo — e os revoltosos do Porto e de Lisboa sentiram-no duma maneira bastante clara.

Era duma flagrante oportunidade uma conversa com um aviador — tanto mais que andam fazendo á roda da acção da quinta arma certas especulações que não se justificam.

A helice dum *Vicker* girava, preparando a ascensão, quando hoje abordámos, no Campo da Amadora, um dos mais distintos oficiais da Arma do Ar:

—Conte-nos qual foi o papel da Aviação Militar?

—Desde a primeira hora, dispuzémo-nos a obedecer a todas as determinações do governo.

—Razões dessa atitude?

—A indisciplina é, em certos casos muito excepcionais, a melhor maneira de fazer triunfar a disciplina e a ordem. Mas não havia, agora, o menor motivo que justificasse a indisciplina. O governo que está no poder foi ali colocado pelo Exercito — e tem sempre procurado interpretar o sentir do Exercito e do país.

—Os revoltosos...

—Se vencessem, seria uma desgraça. A estas horas, ainda durariam — se outro *mal maior* não os tivesse cortado, como seria de temer — os morticinios e as vinganças, principalmente por parte dos civis armados — grande parte dos quais não póde apresentar o seu certificado criminal. Ai do Exercito, ai da Nação, se eles vencessem!...

—Ditas as razões da atitude dos aviadores, diga-me qual foi a sua acção?

—Para melhor poderem coadjuvar as tropas fieis, no cêrco aos revoltosos do Porto, quatro aviões de Tancos aterraram em Espinho e ali ficaram ás ordens do governo.

—Esses quatro aviões...

—Fizeram serviço de observação e rectificação dos tiros da artilharia e lançaram manifestos governamentais sobre os revoltosos.

—Não lançaram bombas...

—Porque, estando os revoltosos no centro da cidade, no meio de predios, o sr. ministro da Guerra, para poupar a população, deu ordem para não serem lançadas bombas, dizendo que só em ultimo caso recorreria a esse meio.

—Em Lisboa, as coisas passaram-se diferentemente...

—Eu lhe conto: Os aviões que voaram sobre a cidade fôram constantemente alvejados pelos revoltosos. Das ruas de S. Marçal, Eduardo Coelho, e doutras posições revolucionarias, partiram numerosos tiros contra nós. Os moradores nessas ruas afirmam-no e provam-no. Tivémos até que responder com rajadas de metralhadoras. Mas isto que lhe contei é um detalhe. Vamos ao principal: o lançamento de granadas. Ao contrario do que se espalhou, não lançámos uma unica granada sobre qualquer edificio. *Tivémos um unico alvo: o pontão do Arsenal*, donde uma peça revoltosa estava bombardeando a cidade. Nem sobre o edificio do Arsenal atirámos granadas.

—Mas em S. Mamede...

—E' falso que tivéssemos feito qualquer bombardeamento. O que aconteceu foi o seguinte: Quando um avião passava sobre essa zona, uma granada de artilharia rebentou, produzindo grandes estragos, como levantamento de *rails*, etc.. Dessa coincidencia nasceu o boato, que não tem o menor fundamento.

Falámos da morte do sr. major Americo Olavo. E o bravo oficial disse-nos:

—Você sabe as razões que nós, os aviadores, tinhamos, contra Americo Olavo. Ele e Alvaro de Castro, quasi iam destruindo a quinta arma — e ainda não conseguimos reparar totalmente os seus maleficios. Mas isso não impede que lamentemos a sua morte e que exijamos — mais do que quaisquer outros oficiais — que o misterio que envolve os seus ultimos momentos seja esclarecido e que os criminosos sejam punidos com uma severidade que fique como exemplo para o futuro.

A Cruzada de Pretecção á Orfandade Feminina de Lisboa que, conforme noticiámos, convida as viuvas e orfãs residentes em Lisboa a enviar-lhe os seus nomes e moradas para a sua séde, rua da Escola do Exercito, 14-1.º, a fim de receberem o auxilio que esta lhes possa dispensar, no sentido de poder alargar mais a sua acção beneméríta, vai distribuir listas por varios estabelecimentos, para angariar donativos. Esta Cruzada, que foi a primeira instituição que, no exercicio da sua missão humanitária, iniciou no presente momento a sua obra, é digna de todo o auxilio.

* * *

Como é do dominio publico, por ordem do sr. governador militar de Lisboa, o transito nas ruas é livre até á 1 hora, podendo funcionar as casas de espectaculos.

Os estabelecimentos podem estar abertos até á meia noite, devendo encerrar as portas áquela hora e não consentindo dentro pessoas estranhas, sob pena de rigorosa punição.

* * *

Uma das casas mais danificadas, nas imediações do Parque Eduardo VII, com a revolução, foi a do engenheiro sr. Fernando Morais de Almeida (conde de Castelo Mendo), cuja moradia é na Rotunda, e que sofreu danos de tal forma que a familia já não pode habitar a casa.

* * *

Na proxima quarta-feira, 17 do corrente, pelas 10 horas, celebrar-se-hão, na freguesia do Sacramento, exequias solenes pelos mortos da ultima revolução.

UM ACONTECIMENTO

Solita Sanahuja

no Teatro Salão Foz

Solita Sanahuja—a formosissima "estrela„ valenciana que já conquistou um logar no primeiro plano das celebridades das variedades—está obtendo um extraordinario exito, em "matinées„ e "soirées„, no Foz, onde se podem admirar os encantadores bailados classicos espanhois de Elvira Coppolia e as deliciosas "tonadillas„ de Luz Imperio.